

Bando

Escolástico

RECITADO POR

Mário Dias de Castro

em 5 de Dezembro de 1942



À

Ex.^{mo} Sr. José Luís de Pina

À seu Carácter,

à sua Inteligência

e ao seu Prestígio.

« Enquanto em Guimarães houver um estudante »
A Festa a Nicolau jámais pode morrer;
A turba gritará: — Avante! avante! avante!
Matar a tradição — cegos! — não pode ser.
Sentimo-la cá dentro e bem, é toda nossa,
Herança dos Avós, pura e original,
Dedicamos-lhe amor, vivêmo-la com troça,
Outra assim não se encontra em todo Portugal.
Pode o Mar dar repólho e a Terra bacalhau,
Não morrerá a Festa em honra a Nicolau!

Deixai-me recordar **JOSÉ LUÍS DE PINA**
O nosso Grande Mestre, o Ilustre Professor
— Um Coração aberto, e Alma diamantina, —
Que para nós tem sido um Santo, um Benfeitor!

Quem não Te glorifica, Artista sem vaidade,
Modesto a mais não ser e bom como nenhum?
O' Soldado da Paz, do Bem, da Humanidade,
Na lista cá da Terra estás em número Um.

E sendo como és um Cidadão perfeito
E duma tal bondade intensa e sem limites,
Eu julgo ser de-mais, e enorme o teu defeito,
Embora tu, ouviste, em mim não acredites.

Estudos, concepção de carros alegóricos
Nas Festas da Cidade e Entradas do Pinheiro,
Temas regionais, ou assuntos históricos,
Arrancam-te ovações e vivas e berreiro!

Elevar **Guimarães** é todo o teu pensar.
A Penha conta em ti o verdadeiro Amigo.
E's para nós um Pai, difícil de encontrar,
Atento e canseiroso e sem um inimigo!

Impossível focar **JOSÉ LUÍS DE PINA**
Como exímio Bairrista e prudente Reitor,
Poderoso auxiliar da **Festa Nicolina**,
O nosso melhor guia e sábio orientador.

Despido de ambições, vaidades ou cobiças,
Sempre nos desculpaste as faltas e os pagodes;
Pintaste-nos, Santo Deus! centenas de suíças,
Olheiras e sinais e pêras e bigodes...

O douto Professor vai ser homenageado
Como preito e justiça em nosso coração;
Seu busto ficará, no Liceu, coroado
De louros e flor's mil — eterna gratidão!

Desejo aqui traçar, de leve e com saúde,
A releu cabulice à nova mocidade.
Estudantinho houve, amando tanto os bancos,
Que deixou o Liceu já de cabelos brancos...
Se zaragata havia entre nós e o futrica,

Na rua ou num retiro,
De maçaneta em punho o **Alvaro Casimiro**
Mandava-o à botica...

O **João Campos** armado (um frágil marmeleiro),
Impunha o mór respeito a qualquer cavalheiro...
Um frio de rachar,

E de caía **Castanha** ouyia-se o cantar...
Para comprar o quadro e as belas paruscadas,
O velho **João Artur** chorava às gargalhadas...
Guardava e cozinhava um furto de galinhas,
Com infinda paciência, a boa **Seráninhas**.
E às noites — quanta vez! — se o bando reunia

A' volta da lareira — ó ceia consolada! —
Espírito e chalaça! — a guitarra gemia
Nas mãos do **Zé Roriz**, até de madrugada...

* * *

Era assim, era assim... E como tudo passa!
Sabia-se viver com arte e muita graça!

* * *

Uma vez (sei lá quando!) um grupo nicolino
Resolveu divertir-se com apuro e tino.
Apadrinhava o bando o **António Beicarola**
Que, munido de um gancho, um fio e uma graçola,
Conversa a toucinheira e, de um puxão com arte,
A cabeça de pórco ei-la que salta e parte
A' ordem do cordel... E, sem mais aquela,
A prêsa, ensanguentada, entrava na panela.
Ou fôsse na **Pescôça**, ou fôsse no **Terrinha**,
Houve lauto comer sem ôsso nem espinha.
— Que farsa, santo Deus! Brindes e parabéns
Tocando, a cada velho uns míseros vinténs!
Saúdoso tempo! a vida era risonha e boa!
Havia carne e peixe, e trigo e muita brôa.
Ovos e cereais, batata com fatura,
Azeite e bacalhau, tomates e verdura,
Manteiga deliciosa, açúcar do branquinho;
E p'ra tudo compor, o decantado vinho,
Espumante palhête, a dar-nos alegria...
Ora a gente chorava... ora a gente sorria...
E tudo, tudo isto, sim, quasi de graça.
— E como o tempo vôa! e como o tempo passa!
Mas (êle há sempre mas...), é ver S. Benedito
Que não come e nem bebe, anda sempre gordito.

* * *

Do burgo a frontaria em breve se transforma.
Terá moderno aspecto, ou seja nova forma
(Um quadro de revista
De efeitos triviais)...

Não façam mais gaiolas, não comprem a alpista
Para canários, pintassilgos e pardais...
Em vez da passarada, aos cantos das janelas,
E de vêrdes e flores em vasos e janelas,
Coloquem à sacada um orfeão a cantar,
De galinhas, capões, sufnos e coelhos...
— «Quem não ná-de gostar,
O' meus amigos velhos,
Se o costume faz lei,
Entre aplausos gerais do Tónio e sua grei?»

* * *

COVAS vai possuir novo melhoramento
— Uma Estação moderna a pedir parabéns: —
E nós, na Parvónia, em duro esquecimento,
Protestando e ladrando à Lua como cães...

* * *

Combóios, hoje em dia, um caso muito sério,
E à falta do carvão sofrem da falta de ar...
Em compensação, porém, qualquer ciclista aéreo
Põe-nos, sem mais porquê, de pernas para o ar...
E já os automóveis, lindos e elegantes
(O que a ciência faz!)
Galgam as ruas e as estradas ofegantes,
Com a mochila atrás...

* * *

Quem quiser ganhar dinheiro,
Em ramadas, tem a prova;

Pode ficar brasileiro,
Sem sair da Rua Nova.

* * *

S. Romão de Mesão-Frio sentiu calor.
Foguetório e discurso, e vivas de energias...
Pedimos a Belmiro — ousado e sem temor, —
Que não se esqueça, não, das outras freguesias.

* * *

Ouvi dizer, não sei. Ao miôlo me veio
E oxalá seja assim e a nova se mantenha:
— Que vai para o Turismo o **Carro do Correlô**
— Caminheta de luxo a engrandecer a Penha!

* * *

Teremos breve telefones automáticos
— Conquista entre conquistas! —
Adeus, frases de amor! ditos melodramáticos!
— Lindas telefonistas!...

* * *

— Que? — Como? — Diga lá... — Que não declamo bem
E olha-me de soslaio?
Critica, ri, confronta e diz — ainda ninguém
Suplantou no «Pregão» Jerónimo Sampaio?
Agradeço o reparo.
— Sampaio, meu amigo, é um objecto raro!

* * *

Os Paços do Concelho — os novos e os antigos —
Condenados estão a suportar castigos.
— Por que não derruí-los,
Construir um Palácio, assombroso em estilos?

* * *

Ó velho casarão de D. Afonso Henriques:
Nada tenho que ver em que **arranjado** fiques
Por uma ninharis,
Por tão pouco dinheiro...
— Gostava de saber o rumo que teria
À lápide do grande actor Chaby Pinheiro?

* * *

Meninas: escutai o pobre pregoeiro
Que não comunga, não, nos vossos ideais;
O amor se ainda existe é brando e passageiro,
Não passa duma lenda, um conto e pouco mais...

Pretendeis, reconheço, um futuro de sorte,
E a mocidade de hoje entrou em nova escola;
Se o coração bater, bate pelo desporte
Da dança e do cinema e do jôgo da bola...

* * *

Rapazes, meus irmãos: poupar e produzir
E' dever que se impõe, devêmo-lo cumprir.
Bons obreiros que sois, e colegas excelentes,
Atendei meu apêlo e sêde obedientes,
Mas sob a condição: produzir a valer,
Para que no final vos saiba agradecer.
Não economizeis a fôrça, a energia,
E rufai com ardor,
Com tanta valentia,
Que fiquem sem consêrto o bombo e o tambor.
— Imitai um trovão, descargas, trovoadas,
Com bombas a estalar de duas toneladas!

Pôrto, Dezembro de 1942.

LEÃO MARTINS.